

## AUTOBIOGRAFIA CULTURAL: ENTREVISTA COM JOHN KNIGHT

**Roque do Carmo Amorim Neto**  
roque.amorim@lasalle.org.br

**John M. Knight** leciona em Saint Mary's College of California desde 1980. Filho do capelão da Força Aérea Americana, ainda criança, ele começou sua experiência intercultural na Alemanha e, anos depois, serviu como voluntário na Etiópia, como membro da *Peace Corps Volunteer*. De volta aos Estados Unidos, trabalhou com os índios Papago, em Tucson, Arizona. Ao concluir o mestrado, mudou-se para a Arábia Saudita, onde ensinou Inglês durante seis anos. De volta aos Estados Unidos, desde 1979, John Knight orientou programas de comunicação intercultural para instituições, tais como *Pacific Gas and Electric*, *Stauffer Chemical Company*, *Heublien Wines*, *Mitsubishi Bank* e *Glendale Adventist Medical Center*. Como professor em Saint Mary's, entre outros cursos, ele ministra o curso *Cross-Cultural Communication*. O trabalho de conclusão desta disciplina é a escrita da história familiar, a qual deve explorar os valores da família no período de três gerações. Para ajudar seus estudantes a pensar criativamente, John Knight usa diferentes estratégias, que podem ser encontradas no artigo "Using Silence to Make a Point", publicado no *The Journal Of The Imagination In Language Learning And Teaching* da New Jersey City University. Ele também é coautor do livro *Developing Intercultural Awareness*, um manual de treinamento para educadores que estão no início de suas experiências interculturais. A experiência pessoal e profissional do Professor John Knight nos permite um sem-número de perguntas sobre diversos temas. Entretanto, as questões que seguem visam a apresentar à comunidade acadêmica sua prática de escrita autobiográfica com foco na dimensão cultural.

**Amorim Neto:** Professor, no primeiro semestre de 2009, tive a oportunidade de conhecer o seu trabalho no curso intitulado Cultura e Civilização Americana. Uma das atividades centrais deste curso é a escrita da Autobiografia Cultural. O que é Autobiografia Cultural?

**John Knight:** Autobiografia Cultural é uma narrativa de vida com particular ênfase nos aspectos culturais que influenciam a pessoa. Há várias definições para cultura, mas a minha preferida é aquela que define cultura como um projeto de vida. Isto inclui tudo o que está ao redor de uma pessoa e que é usado por ela para construir sua "casa". Normalmente, não paramos para pensar sobre como nossa cultura influencia nossa maneira de cumprimentar as pessoas, de tomar o café da manhã, onde e como usamos o banheiro, o que consideramos bonito, etc. Estas atividades e pensamentos cotidianos são para nós o que a água é para o peixe. Não sentimos falta de nossa cultura ou percebemos seu impacto em nosso dia a dia até o momento em que somos retirados dela.

**Amorim Neto:** Quando você começou a utilizar esta prática com seus estudantes?

**John Knight:** Cerca de 15 anos atrás, comecei a utilizar a Autobiografia Cultural como parte do curso Cultura e Civilização Americana que ministro para estudantes internacionais.

**Amorim Neto:** O que o motivou a adotar esta prática? Que autores lhe dão suporte teórico?

**John Knight:** As histórias dos alunos sempre foram importantes nas minhas aulas, mesmo com estudantes que estavam apenas começando a aprender Inglês. Eu usualmente pedia a eles que escrevessem alguma narrativa sobre eles mesmos ou sobre alguma coisa que tivessem visto ou ouvido. Depois disso, comecei a pedir que escrevessem a história que seus pais, avós e outros parentes lhes contaram. No início, isto era um simples exercício de escrita sobre o que eles ouviram. O desafio era escrever em Inglês, uma língua estrangeira para meus estudantes. Em seguida, passei a solicitar que eles analisassem estas histórias de diferentes formas: por que eles lembraram exatamente desta história? Quais emoções/memórias esta história lhes despertou? Esta história transmite uma mensagem? E, finalmente, considerando o fato de estarem temporariamente nos Estados Unidos, pergunto a eles se esta história tem algum significado especial no que diz respeito à cultura deles.

Doze anos atrás, li “A Different Mirror”, de Ronald Takaki. O principal objetivo deste livro é mostrar como diferentes grupos culturais vieram para os Estados Unidos e trabalharam juntos para construir este país. Penso que este foi um dos primeiros livros que, em vez de apresentar apenas a história e as contribuições de um grupo, enfatizou a maneira como os diferentes grupos culturais e étnicos se relacionaram. No primeiro capítulo, Takaki escreve sobre como nossas histórias são relevantes, não importa quão triviais elas nos pareçam ser. E, por meio da partilha de nossas histórias, passamos a perceber um aos outros como seres humanos, construindo nossos projetos de vida. Desta maneira, Takaki inspirou-me na adoção desta prática de narrativa de histórias.

Adrienne Rich, uma poetisa americana, também me influenciou. De fato, seu poema “Prospective Immigrant, Please Note” é parte da primeira tarefa que deixo para meus estudantes no curso de Cultura Americana. Neste curto, mas vigoroso poema, Rich nos desafia a pensar sobre a experiência de cruzar “a porta” e adentrar um novo mundo. Ela deixa por conta do leitor a decisão se adentrar uma nova cultura ou permanecer na sua própria cultura é a escolha “certa”. Isto é um difícil enigma porque as duas escolhas incluem elementos positivos e negativos.

Estes exemplos não apontam para uma teoria de como a autobiografia cultural pode ajudar a atingir certos resultados ou objetivos. Para mim, eles mostram quão importante a cultura é para cada um de nós e quão imperativo é para nós contar aos outros nossas histórias. Neste mundo cheio de contendas, precisamos entender que todos nós acordamos pela manhã, nos vestimos, comemos, cuidamos de assuntos pessoais, vamos ao trabalho ou à escola, interagimos com outros, amamos, odiamos, retornamos para casa, interagimos com nossas famílias, novamente nos alimentamos e repousamos à noite. As diferenças das quais precisamos tomar consciência estão esboçadas em nossos “projetos” culturais. Eles nos ajudam a definir como construímos nossas casas, que nos proporcionam o abrigo que todos nós precisamos.

**Amorim Neto:** Qual é a relação entre o estudo da cultura Americana e a Autobiografia Cultural?

**John Knight:** Um dos motivos pelo qual desejo que os alunos percebam como suas próprias culturas os influenciam é porque eles estão iniciando a fase de estudante universitário em uma cultura “estranha”.

Vivenciam situações que os irritam, divertem, confundem e os deixam perplexos. Geralmente não percebem que isto ocorre porque há outro padrão diferente daquele que conhecem sendo utilizado. Igualmente desconcertante é o comportamento desafiador desses estudantes estrangeiros para com os colegas de sala e de dormitório, assim como para com os professores. Se eles podem tomar consciência de como suas culturas influenciam o modo como interagem com o mundo, então a experiência em Saint Mary's pode fazer mais sentido para eles.

**Amorim Neto:** Como ocorre o processo de escrita autobiográfica?

**John Knight:** A atividade tem início na metade do semestre, quando os alunos já tiveram em torno de seis ou sete semanas em sala de aula. Anteriormente, solicito que façam atividades de *brainstorming*. Por exemplo, peço que completem as seguintes frases, de diferentes formas possíveis: Eu sou um(a)\_\_\_; Eu acredito em \_\_\_; Eu valorizo \_\_\_; Minha cultura é \_\_\_\_. Então, convido-os a relembrar histórias que ouviram de familiares. Finalmente, antes de começarem a escrever a primeira versão, eles escrevem a tese ou a ideia principal, e esboçam as ideias que serviram de suporte para a tese. Também peço que consultem algumas das leituras que fizemos, tais como “A Different Mirror”, de Takaki, e uma curta Autobiografia Cultural intitulada “American Chica”, que mostra a experiência de uma garota latino-americana, que veio para os Estados Unidos.

**Amorim Neto:** Qual o seu papel no desenvolvimento desta atividade?

**John Knight:** Além de oferecer a estrutura necessária, solicito que os estudantes revisem o primeiro rascunho em pequenos grupos. Depois que recebem o *feedback* dos seus colegas, leio a primeira versão do texto e tenho encontros individuais com eles para verificarmos como o texto pode ser melhorado. Habitualmente, eles precisam citar mais exemplos para ilustrar as ideias que estão desenvolvendo. Frequentemente, leio partes dos rascunhos em classe para ajudar outros estudantes. Isso geralmente inclui uma introdução atraente que prende a atenção do leitor, ou uma história especialmente vívida que ilustra a ideia principal. Algumas vezes, leio uma autobiografia inteira que algum estudante de anos anteriores escreveu, assim eles podem ter mais ideias. Com o passar do tempo, tenho concluído que isto é útil para os estudantes.

**Amorim Neto:** Todo semestre você leciona para jovens estudantes de diferentes partes do mundo. Você nota alguma diferença entre estudantes asiáticos, europeus, africanos e americanos, no que diz respeito à influência da cultura no processo de percepção de si mesmo?

**John Knight:** Considerando o todo, e isto pode ser apenas uma visão baseada em estereótipos, a maioria dos estudantes asiáticos que foram meus alunos tem mais dificuldade em participar oralmente nas aulas. Quando converso com eles pessoalmente, geralmente eles me dizem que têm medo de cometer erros ao falar em Inglês ou em dar uma resposta errada. Mas tenho encontrado estudantes americanos e de outros países em que o Inglês é o idioma oficial, mas que também têm dificuldade em participar das discussões na aula. Muitos dos africanos, que foram meus alunos, são mais velhos e foram enviados por seus empregadores para continuar sua educação. Por isso, não estou seguro se há fatores culturais que influenciam a habilidade que estes têm de participar mais facilmente da aula, ou se isso ocorre porque eles

têm mais experiência de vida do que os mais jovens que estão no primeiro ano de faculdade. Portanto, há diferenças que parecem ser relacionadas à cultura, mas também há diferenças pessoais que influenciam o modo como eles veem a si mesmos.

**Amorim Neto:** Você percebe alguns símbolos ou categorias comuns na autobiografia de seus alunos?

**John Knight:** Dois elementos comuns que me vêm à mente facilmente são a importância da família em suas vidas e o efeito de viver e estudar nos Estados Unidos. Uma jovem vietnamita que veio para os Estados Unidos e concluiu aqui os dois últimos anos do Ensino Médio, antes de ingressar em Saint Mary's, escreveu sobre seu retorno para casa durante as férias e que amigos e familiares disseram que estava muito "americanizada", porque eles consideravam suas roupas e maquiagem inapropriadas. Muitas autobiografias falam sobre a influência do pai e da mãe, e, em alguns casos, também os avós têm um papel central na vida dos estudantes. Quando o pai e a mãe têm um papel central na vida do estudante, o tema tende a ser mais pessoal do que cultural.

**Amorim Neto:** Considerando o exemplo de sua aluna vietnamita, você pensa ser necessário o abandono de nossa cultura original para realizar uma experiência intercultural? Você nota alguma reinvenção na identidade de seus alunos e em você mesmo ao se aproximar de outras culturas?

**John Knight:** Não penso ser necessário abandonar nossa cultura original quando aprendemos a viver em uma cultura diferente. O que ocorre é que adotamos novas maneiras de interagir com as pessoas. Apesar de tudo, a maioria de nós provavelmente quer se sentir o mais confortável possível em diferentes situações. Sua pergunta também me lembra duas histórias. Muitos anos atrás, um estudante de Hong Kong me contou como ele foi severamente lembrado por pegar apenas um guardanapo e um pacote de condimento em um restaurante de Hong Kong. Durante sua estadia na Califórnia, ele havia se acostumado a pegar tantos quantos quisesse. O segundo exemplo é pessoal. Quando vivi na Etiópia, tornei-me fluente na cultura e também no idioma. Ainda assim, havia ocasiões em que as pessoas não sabiam como lidar comigo. Acredito que eles não esperavam que um jovem branco agisse como eu agia. Apesar de nos adaptarmos à cultura na qual vivemos, acredito que ainda mantemos as principais características de nossa cultura original. Talvez, quanto mais vivemos em outra cultura, mais nos conformamos a ela, se não nos isolarmos dos principais aspectos da nova cultura.

**Amorim Neto:** Quais aprendizagens o desenvolvimento desta prática tem lhe proporcionado?

**John Knight:** Embora isto possa parecer banal, as autobiografias me recordam quão preciosos são os seres humanos e quão especiais são estes jovens. Eu tenho o privilégio de olhar suas vidas por dentro e aprender sobre o que, de alguma maneira, os fez tais como são. No primeiro semestre de 2009, uma de minhas alunas, uma jovem japonesa que estudou em Saint Mary's por um ano, escreveu um tipo diferente de autobiografia. Ela pegou um incidente de sua vida e mostrou como isto impactou seu modo de pensar. Quando ela tinha por volta de 12 anos, sua escola a levou a uma aula de campo em Hiroshima, uma das cidades em que os americanos lançaram a bomba atômica durante a Segunda Guerra Mundial. Antes desta viagem os estudantes pesquisaram a vida de algumas das vítimas do bombardeio. Minha aluna percebeu que ela tinha a mesma idade de uma das garotas que haviam sido afetadas pela

radiação e morreu. Esta aula de campo e a pesquisa que minha aluna fez teve tal impacto em sua vida que ela acredita que guerras não resolvem problemas e que nós devemos trabalhar pela paz. Ela está preocupada sobre o fato de o Japão confiar nos Estados Unidos para muitas coisas, e porque o governo japonês pode repensar a política de neutralidade à luz do recente míssil construído pela Coreia do Norte. A paixão expressa em seus escritos é inspiradora.

**Amorim Neto:** O que muda na sua relação com os estudantes depois da escrita da autobiografia cultural?

**John Knight:** Eles se tornam pessoas tridimensionais e também mais empenhadas. E apesar de não poder tê-los novamente em minhas aulas no semestre seguinte, suas autobiografias me ajudam a recordar os tesouros que se escondem debaixo de nossa pele. Então a afirmação de Takaki de que nossas histórias são importantes e têm valor se torna mais forte. Deste modo, meus alunos se tornam membros da grande família resultante dos meus mais de 40 anos em sala de aula.

**Amorim Neto:** Isto quer dizer que uma prática de formação baseada na escrita autobiográfica pode favorecer a compreensão da relação entre professor e estudantes?

**John Knight:** Definitivamente penso que sim. Os estudantes das disciplinas em que uso a autobiografia cultural se tornam mais que um nome, ou a pessoa que sempre senta perto da porta, ou a aluna com quem posso contar para a discussão em sala de aula, porque sei que ela leu o texto. Apesar de eu aprender o máximo possível sobre os estudantes, a autobiografia abre uma janela para o interior de suas vidas, que a maioria dos professores não tem acesso. Pelo o fato de eu também ser o orientador acadêmico de muitos dos estudantes que escrevem a autobiografia, eu tenho mais recursos a oferecer, quando eles vêm ao meu escritório pedir ajuda em questões pessoais e também acadêmicas. Por eu ser, em geral, 40 anos mais velho que meus alunos, suas histórias também me permitem conhecer o seu mundo, que é bem diferente do meu. Também é possível ver semelhanças com minha própria juventude. Além disso, essas autobiografias me permitem viajar a lugares em que eu nunca estive e, ao longo do caminho, pedir mais informações aos meus “guias”. Edward T. Hall, um antropólogo, foi um dos meus primeiros guias, quando participei da *Peace Corps*, nos anos 60. Em nosso treinamento, antes de partirmos para a Etiópia, nós tivemos que ler o livro “Silente Language”. Achei isto tão fascinante, que li a maioria de seus livros e os utilizei em algumas de minhas aulas. Em “Dance of Life”, ele escreve que um professor nunca pode ser verdadeiramente eficaz até que ele ame seus alunos. As autobiografias dos meus alunos me ajudam a amá-los mais.

**Amorim Neto:** Você residiu em outros países e lá também você foi professor. Qual o impacto dessas experiências no seu exercício da docência?

**John Knight:** Tanto ensinando Inglês para 90 crianças da terceira série, na Etiópia, quanto instruindo 15 oficiais da Força Aérea, na Arábia Saudita, aprendi que se nós, os estudantes e eu, fizermos as aulas interessantes e divertidas, lucraremos mais. Por isso, deve haver certa medida de colaboração entre alunos e professor.

Mas, talvez, o mais importante aspecto de ensinar seja eu continuar a aprender com cada grupo. Lembro o dia em que descobri, na Etiópia, que o padre que dava aula de religião estava ensinando aos meus alunos da oitava série que o mundo era plano. Nas aulas de Geografia eu estava tentando prepará-los para o exame de admissão ao Ensino Médio. Claro que, no exame, o mundo era redondo. Aos 21 anos de idade, eu nunca duvidei que o mundo fosse redondo, e eu nunca tive que “provar” isto a um grupo de estudantes. Entretanto, minha mãe havia enviado para mim umas fotos que os astronautas tiraram do Planeta Terra, e elas me foram úteis. Meus alunos simplesmente me perguntaram como eu sabia que as fotos eram reais. E, no fim, nós concordamos que, para a parte religiosa do exame, o planeta poderia ser plano, mas que para as questões de Geografia ele era redondo. Ainda hoje meu relacionamento com os estudantes me lembra o valor de ser humilde.

### **Roque do Carmo Amorim Neto**

Mestre em educação pela Universidade Cidade de São Paulo. Bacharel em Filosofia (PUC-SP). Atualmente dá continuidade à sua formação acadêmica em Saint Mary's College of California, nos Estados Unidos.